

# FIGURATIVIZAÇÃO E TEMATIZAÇÃO EM UMA TIRA *ARMANDINHO*, DE ALEXANDRE BECK

José Ignacio Ribeiro Marinho – UFJF<sup>1</sup>  
Eber Fernandes de Almeida Júnior – UFF/Cederj<sup>2</sup>  
Erika Costa Clemente de Mattos – UFF/Cederj<sup>3</sup>  
Juliano Ferreira de Mattos – UFF/Cederj<sup>4</sup>

**RESUMO:** De forma concisa, à luz de revisão de literatura, apresentamos, neste artigo, uma análise de uma tira em quadrinhos, de Alexandre Beck, cartunista e ilustrador catarinense, extraída do livro *Armandinho Quatorze*, também publicada nas redes sociais digitais monitoradas por Beck (*Facebook* e *Instagram*). O objetivo geral da presente pesquisa ancora-se em dois conceitos presentes na semiótica discursiva: a figurativização e a tematização. Neste trabalho, baseando-nos na tira em quadrinhos selecionada, observamos como se procede os dois conceitos supracitados. Para tanto, recorreremos aos estudos de Ramos (2017), no que concerne ao gênero textual tiras em quadrinhos; no que tange à figurativização e à tematização, valemo-nos das teorias de Fiorin (2016).

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Tiras; Armandinho; Figurativização; Tematização

## INTRODUÇÃO

Concernente ao sistema dos quadrinhos, transitando entre os universos artístico-literário e o jornalístico-midiático, atualmente, o gênero textual tira em quadrinhos encontra-se em diversos suportes, sejam impressos ou virtuais.

Dentro das tiras em quadrinhos, ainda nos deparamos com aquelas que são protagonizadas por personagens infantis, recebendo a alcunha de *kid strips*. Nesse contexto, na segunda metade do ano de 2009, surge a personagem Armandinho, do cartunista e ilustrador catarinense Alexandre Beck.

A presente pesquisa aborda uma das tiras em quadrinhos publicada por Beck tanto no livro *Armandinho Quatorze*, quanto em suas redes sociais digitais (*Facebook* e *Instagram*), um tanto polêmica, sofrendo censura, à época de publicação, por parte da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Quanto a ela, à luz da análise de discurso, tal como

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Graduado em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Professor de Língua Portuguesa nas prefeituras de Cambuci/RJ e de Itaperuna/RJ.

<sup>2</sup> Graduando em Letras, pela Universidade Fluminense.

<sup>3</sup> Graduada em Direito, pela Universidade Nova Iguaçu. Especialista em Previdenciário com capacitação para o Ensino no Magistério Superior, pela Faculdade de Direito Professor Damásio de Jesus. Graduanda em Letras, pela Universidade Fluminense.

<sup>4</sup> Graduado em Direito, pela Universidade Nova Iguaçu. Graduando em Letras, pela Universidade Fluminense.

proposta por Algirdas Julien Greimas, analisamos os conceitos de figurativização e de tematização.

Para a confecção deste trabalho, recorreremos, sobremaneira, a Paulo Ramos (2017) e a Fiorin (2016).

## **1. Tiras em quadrinhos: conceito, história e linguagem**

As tiras em quadrinhos, também denominadas tirinhas por muitos, ao lado de charges, cartuns, caricaturas, histórias em quadrinhos, mangás, dentre outros, fazem parte do sistema de quadrinhos, podendo ser representadas por nomenclaturas e subdivisões diversas como tira cômica, tira de humor, tira de jornal, tira seriada, tira diária, *kid strips* (objeto de análise neste trabalho) etc.

Trata-se de um gênero híbrido, pois se encontram na interseção do artístico-literário e do jornalístico-midiático, bem como texto sincrético, que, em regra, depende da articulação de mais de uma forma de linguagem para a produção de efeitos de sentidos, a saber: textos verbais e visuais (imagens).

O jornalista e professor Paulo Ramos, contrapondo as definições de tiras dos verbetes de dicionários, demonstra com exemplos que o formato das tiras não se restringe ao segmento horizontal com três ou quatro quadros, definindo-a da seguinte forma:

Pode-se dizer que a tira é um formato utilizado para veiculação de histórias em quadrinhos em suportes e mídias impressos e digitais. Esse molde pode ser apresentado de variadas maneiras: no tradicional, o mais comum, composto de uma faixa retangular horizontal ou vertical; no equivalente a duas, três ou mais tiras; quadrado, adaptado. O número de quadrinhos também é variável: a história pode ser condensada em um quadro só ou então ser narrada em várias cenas, de forma mais longa. [...] (RAMOS, 2017, p. 31)

O formato (número de quadros e disposição), por si só, não define as tiras, devendo ser observado, a critério de exemplificação, o seu conteúdo, as condições de uso, circulação e rotulação.

Conforme Duarte (2018), a origem das tiras (bem como dos quadrinhos protagonizados por crianças e das HQs em geral) remonta à publicação, ainda rudimentar, de uma obra de 1865, do alemão Wilhelm Busch, intitulada *Max und Moritz*. Pouco tempo depois, foi publicado, em 1895, *The Yellow Kid* pelo artista Richard Outcault em periódicos sensacionalistas de Nova Iorque. Dado o sucesso prontamente alcançado, muitas outras publicações na cidade e ao redor do mundo passaram a adotar o formato.

Como parte integrante de jornais e posteriormente de mídias digitais, as tiras possuem alcance privilegiado, podendo ser usadas para expressar ideias, pontos de vista e posicionamentos acerca de questões que merecem reflexões, como os temas sócio-políticos abordados por Alexandre Beck (cartunista e ilustrador catarinense) em suas tiras de *Armandinho*, que são objetos de análise do presente artigo.

Estão presentes no gênero tiras em quadrinhos alguns elementos característicos de sua linguagem, como economia narrativa, enquadramento e iconicidade.

Partindo-se do sincretismo presente nas tiras, há uma série de elementos peculiares, como figuras de linguagem (analogias e metáforas, em especial), balões de fala e de pensamento, legendas, onomatopeias e recursos visuais para representar sentimentos e ideias, sendo relevante até mesmo o enquadramento dos textos verbo-visuais nos quadros. Assim sendo, observemos a seguinte tira:

Imagem 1 – Tira em quadrinho *Armandinho Quatorze*



Fonte: Beck (2019, p. 77).

O exemplo extraído da compilação de tiras, de Alexandre Beck, *Armandinho Quatorze*, trata-se de uma *kid strip*, ou seja, uma história protagonizada por crianças em que, muitas das vezes, se propõe a reflexões voltadas para o público adulto, na qual se nota a economia narrativa com o uso, por exemplo, de recursos como reticências. O recurso da iconicidade é notado pelo temor da personagem preta, Camilo, em relação à autoridade policial. Por fim, o enquadramento pode ser notado pela forma como a personagem adulta é representada, por membros inferiores, o que reforça o ponto de vista infantil e demonstra distanciamento entre crianças e adultos.

## 2. Análise discursiva da tematização e da figurativização em *Armandinho*

Como foi dito, *Armandinho* toma forma em textos sincréticos (linguagem verbo-visual), em acabamento simples – dado que permite pensá-lo em sua especificidade

estrutural com maior manejo. Entretanto, se sua estrutura é simples, sua constituição sócio-histórica não o é: discursivamente, ela é da ordem do acontecimento.

Primeiramente, faz-se necessário expor o projeto teórico greimasiano, a semiótica discursiva, com o intuito de observar a construção do sentido – na “forma do conteúdo”, segundo a terminologia Hjelmslevina – a partir da estrutura textual. Em seguida, será enfatizado o nível mais concreto dos sentidos, construídos na *Imagem 1* pelas noções de tema e de figura.

Consoante Fiorin (2016), por meio de um coeficiente sintáxico (eixo horizontal), o sentido se constrói em níveis (eixo vertical), do mais abstrato e geral ao mais concreto e específico, o que recebeu a denominação de “percurso gerativo de sentido” – este é constituído gradualmente pelos níveis fundamental, narrativo e discursivo. Cada um destes níveis possui invariantes combinatórias (componente sintáxico) de caráter conceitual, relativamente autônomas quanto aos investimentos semântico-discursivos (componente semântico) que recebem.

No nível fundamental, há uma oposição semântica elementar – que deve ser bem escolhida na análise – e operações de negação e de asserção. Na imagem 1, tem-se a oposição entre os termos (a) “segurança” e (b) “perigo”, que constrói o texto a partir do contrário do primeiro, isto é, “não segurança”. No primeiro quadro afirma-se (a); no segundo, nega-se (a); no último, afirma-se (b). A negação de (b) fica como da ordem do impossível.

No nível narrativo, há enunciados de estado, que realizam junções entre sujeitos e objetos, e enunciados de fazer, isto é, aqueles que operam transformações de estado (disjunção, se o sujeito não se encontra com o objeto, e conjunção, se ele se encontra com o objeto). Há a possibilidade, deste modo, de duas “narrativas mínimas: a de privação e a de liquidação de uma privação” (FIORIN, 2016, p. 28). Na tirinha tomada como exemplo, há a afirmação da conjunção da personagem Camilo com a “segurança”, concretizada pelo querer realizar a ação proposta pela personagem Armandinho, que, em seguida, é negada pela presença de um terceiro sujeito no campo de visão de Camilo, causa da privação deste com o objeto “vontade” por intermédio da intimidação e revelado no terceiro quadro. A performance pressuposta não se realiza. Passa-se a um programa narrativo de “sobrevivência” devido à precaução.

Um breve retorno à semântica do nível fundamental poderá afirmar com maior precisão – a partir deste ponto – quais os valores, eufórico e disfórico, são construídos pelo texto. Se há privação com o objeto “vontade”, representação do elemento semântico

“segurança” do nível narrativo, ela é significada euforicamente e seu oposto, “perigo”, disforicamente, ou seja, negativamente. O par semântico elementar poderia ser seu avesso, “segurança” poderia ter valor negativo noutro texto, por exemplo, uma charge que criticasse privilégios sociopolíticos.

No nível discursivo, o componente semântico se faz por meio de temas e de figuras num “*continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto” (FIORIN, 2016, p. 91). Ainda, conforme Fiorin (2016), é preciso ter mente que:

quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo construído. [...] Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural (FIORIN, 2016, p. 91).

Consequentemente, pode-se dizer que há textos temáticos sem a presença de figuras; o contrário, porém, não é possível afirmar. Assim, a todo texto figurativo subjazem temas, esquemas temáticos ou tematizações revestidos por figuras.

Na *Imagem 1*, as figuras presentes no corpo verbal e na linguagem imagética dão concretude a temas específicos do domínio cultural, que apenas um exame atento ao exterior do texto, isto é, o discursivo, pode revelar precisamente. As figuras centrais são a fala da personagem Camilo (“não posso correr agora”, “pra mim, não é seguro”), os traços e cores dos corpos do interlocutor preto e do interlocutário branco e a imagem fardada da cintura para baixo de um policial, representação da coerção ideológica e repressiva da cultura de uma sociedade contraditória, dado que, se relacionada às figuras levantadas, os temas que se insurgem são, basicamente, “racismo” “desigualdade”, “preconceito”, “violência”, etc. Um artigo de estudo psicanalíticos e/ou filosóficos poderiam tratar dos mesmos temas, e sem recorrer a figuras, construir um texto predominantemente temático.

Após correr o percurso gerativo de sentido, residualmente, novos pares opostos aparecem: /privilégio/ X /desigualdade/ ou /justiça/ X /violência/; os sujeitos narrativos, na figura de crianças, têm seu acordo comum rompido por um antisujeito coercitivo, concretizado pela figura policial – possivelmente, representação do tema do policiamento das identidades.

Na enunciação, além dos enunciados, o contexto sociopolítico fala nestes com toda sua força. Logo, as tirinhas *Armandinho* são produto de um processo histórico-discursivo em que figuras e temas se relacionam a partir do texto e de sua estrutura. O tema “desigualdade”, por exemplo, poderia ser concretizado pelas figuras do homem e da

mulher; a figura do negro poderia ser a concretização de temas como a “negritude”, “liberdade”, “riqueza cultural” ou, ainda, “infância”.

## CONCLUSÃO

As tirinhas em quadrinhos *Armandinho*, concebidas por Alexandre Beck, apresentam clara identificação a temas ligados diretamente ao social e, sobretudo, ao político. Na figura de crianças, a voz do bom senso sobressai-se à da torpeza, da ignorância, ou da simples indiferença, concretizadas por figuras adultas, representação do mundo alienado das naturalidades e das normalidades. Os conceitos de temas e de figuras esmiúçam como o discursivo penetra nas virtualidades textuais.

Um exame mais detido na constituição histórica do discurso da/na tirinha em quadrinhos revelará seu funcionamento na estrutura política de uma sociedade. Sem levar em conta, pois, o condicionamento ideológico dos sujeitos na sociedade, o texto não pode ser entendido em sua globalidade, sua significação estrutural atravança no limiar do acontecimento. Através de linguagem verbo-visual, mostrou-se possível concretizar temas caros a outros gêneros discursivos. Figuras e temas se configuram apenas em conjunto. Sem a forma de sua relação no cotexto e no contexto, não passam de abstrações.

## REFERÊNCIAS

BECK, Alexandre. **Armandinho Quatorze**. 1ª ed. Florianópolis, SC: A. C. Beck, 2019.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMOS, Paulo. **Tiras no Ensino**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

DUARTE, Renan Silva. Quadrinhos é coisa de criança: Considerações sobre um equívoco desimportante. V. 1 N. 8 (2018): DOSSIE: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/137828>> Acesso em 24/09/2020.